

UNIVERSIDADE DO PORTO  
COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES  
DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

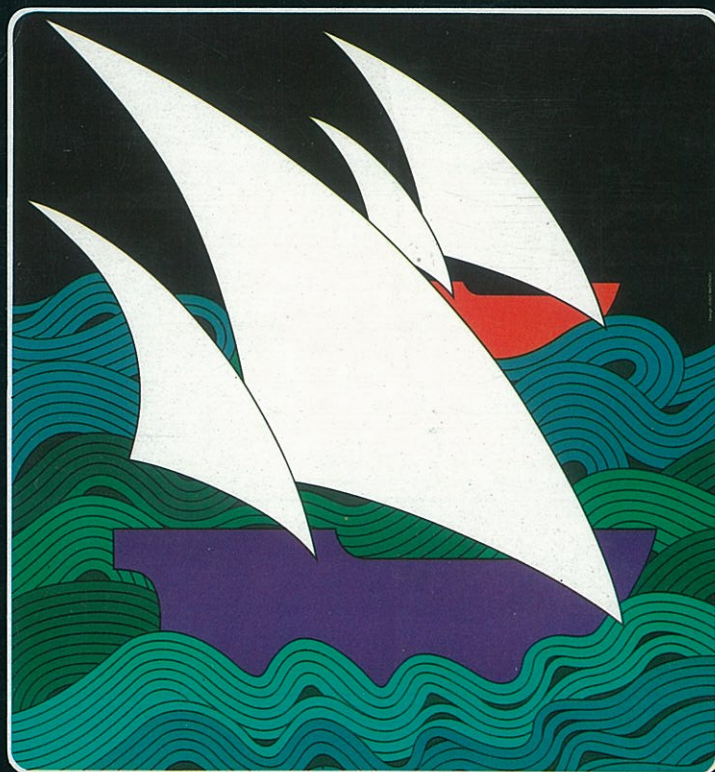
---

CONGRESSO INTERNACIONAL  
BARTOLOMEU DIAS E A SUA ÉPOCA

*Actas*

Volume V

**ESPIRITUALIDADE  
E EVANGELIZAÇÃO**



PORTO • 1989

## Os estudos bibliográficos sobre a Literatura e a História da Espiritualidade em Portugal

JOSÉ ADRIANO DE CARVALHO

O aparecimento de trabalhos bibliográficos rigorosos deveria ser um facto científico tão comum, isto é, tão vulgar pela sua imprescindibilidade que não precisaria nem mereceria qualquer menção de relevo... E, no entanto, os mesmos factos encarregam-se de demonstrar que, apesar da nossa honrosa tradição de estudos bibliográficos — Barreto..., Barbosa Machado..., Inocêncio..., Anselmo e Proença..., Sousa Viterbo... e até da frustrada *Bibliografia Geral Portuguesa*... —, a elaboração criteriosa e sistemática de trabalhos bibliográficos por parte da investigação universitária em Portugal se tornou, desde há muitos anos, uma raridade insigne... Não bastam algumas excepções — a bibliografia crítica de Sá de Miranda devida a José V. de Pina Martins..., a recentíssima sobre o Humanismo em Portugal, publicada sob a orientação de A. da Costa Ramalho..., ou a que benemeritamente vem publicando Carlos Azevedo, da Universidade Católica, sobre a História da Igreja em Portugal... — para desfazer essa constatação de raridade. E se não refiro os admiráveis trabalhos de Francisco Leite de Faria, OFM. cap., sobre Damião de Góis, Fr. Tomé de Jesus e Heitor Pinto..., ou a de Manuel Correia Fernandes sobre os estudos literários e a literatura portuguesa editados em Espanha, é pelo simples facto de que tais excepções não foram elaboradas, tanto quanto sei, num quadro de investigação universitária, ainda que, sem qualquer dúvida, o sejam... Com efeito, procurando alguma das causas dessa «raridade», pensamos que a *positividade* tem aí um peso decisivo... E, curiosamente, a investigação universitária costuma render largas homenagens, às vezes um pouco «beatas», à bibliografia, quer nas páginas introdutórias das suas teses — para, geralmente, lastimar a falta de estudos bibliográficos especializados —, quer ao elencar, com mais aparato e rito do que convicção,

a lista das obras consultadas... e das que deveria ter consultado para essas teses..., quer ainda quando, em pleno júri, se esforça, tantas vezes meritariamente, por assinalar as faltas desses elencos... Efectivamente, mesmo discretas e um pouco por força dos cânones rituais do que se entende por «escolaticismo», essas referências costumem ser um modo mais de sublinhar dificuldades... e de exaltar os méritos de um trabalho que teria partido do (ou quase) «grau zero bibliográfico» do que propriamente o resultado de uma investigação convicta... Por outro lado, quase no extremo oposto, os alunos universitários das áreas das ciências humanas vivem, em geral, sob o signo, quando não da obsessão, bibliográfico... Dir-se-ia procuram, antes de mais, o comentário que não o seu objecto, a «crítica» que não o seu texto—literário ou documental que seja...

Esta evocação um pouco desenganada das glórias das virtudes que não pratica e dos méritos inconfessados ou envergonhados que a investigação universitária, em geral, atribui aos estudos bibliográficos nada mais pretende do que sugerir as ilusões e as desilusões que envolvem essa pesquisa..., pois, em geral, os seus limites naturais tomam-se por limitações...

Com efeito, o trabalho bibliográfico não revela, a não ser a eleitos, o silêncio fecundo que pesa sobre a sua criação... e a sua humildade é, quase sempre, confundida não com a pobreza que é uma virtude, mas com a incapacidade que é um defeito...

E, curiosamente, pelo que concerne à investigação sobre a história religiosa, a pesquisa foi desde sempre muito débil... E, no entanto, um momento houve em que os estudos sobre a história da espiritualidade em Portugal pareciam afirmar-se admiravelmente, pois um dos primeiros, se não mesmo o primeiro, desses trabalhos, *Fr. António das Chagas — Um Homem e um Estilo* de Maria de Lourdes Belchior Pontes (1953), tinha sido precedido por uma preciosa investigação bibliográfica da mesma eminente investigadora sobre obras de António da Fonseca Soares — *Fr. António das Chagas*... Mas tal trabalho não teve continuação... É certo que nas suas notas e nos apêndices documentais de *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal* (Coimbra, 1956), José S. da Silva Dias também inclui, por vezes, algumas achegas bibliográficas de obras editadas ou traduzidas no século XVI em Portugal..., mas tal trabalho não é, nem pretende ser, um trabalho bibliográfico... O mesmo se diga das preciosas notas bibliográficas que fornece Raul de Almeida Rolo sobre a obra impressa e inédita de Fr. Bartolomeu dos Mártires em conclusão da sua admirável *Formação e Vida Intelectual de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires* (Porto, s.d.). Depois, com o pedido de perdão para qualquer omissão involuntária, temos de esperar pelos anos recentes em que Carlos de Azevedo, Prof. da Univer-

sidade Católica no Porto, começa a publicar na «Humanística e Teologia» a sua fundamental bibliografia da História da Igreja em Portugal, trabalho que, para além de todos os méritos, nos permite verificar não só o muito que falta estudar, mas também a necessidade de sistematizar e reorganizar os estudos sobre a História da Igreja em Portugal e, pelo que nos toca, da História da Espiritualidade. O ressurgimento, em novos moldes provavelmente, da *Lusitania Sacra* e a criação, talvez mesmo a nível universitário, estatal e privado, de um centro de investigação para tal vocacionado poderiam ser alguns dos modos de incentivar e aglutinar tais pesquisas.

Há, porém, que confessar que, desde há alguns anos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto tem vindo a constituir-se um grupo de trabalho que, no âmbito da história cultural, privilegia a investigação sobre a história da espiritualidade. *Casamento e espiritualidade nos séculos XVI e XVII em Portugal...*, *a Espiritualidade e a acção da Rainha D. Leonor de Lancastre...*, *a Ilustração devota*, ou seja, a obra do Padre Teodoro de Almeida, esse alto representante da «Ilustração» possível entre nós, *a Reacção portuguesa a Miguel de Molinos...*, *a Obra mística de D. Manuel de Portugal...*, *Fr. Heitor Pinto e o humanismo monástico...* são alguns dos trabalhos em curso, convencidos todos de que a história da espiritualidade pode fornecer dados capitais, imprescindíveis mesmo, para a investigação literária e histórica.

\*

\* \*

O trabalho que hoje apresentamos —a *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal — 1501-1700*—, que é um dos resultados do trabalho desse grupo de investigadores, pretende ser, no contexto actual dos estudos sobre a história da espiritualidade, o compromisso possível entre uma primeira abordagem bibliográfica e o primeiro esboço de uma história da espiritualidade em Portugal na Época Moderna.

Com efeito, foi concebida à maneira da obra de Anne Jacobson Schutte—*Printed Italian Vernacular Religious Books — 1465-1560* (Genève, Droz, 1983), como uma «Finding List» que, dispondo abreviada e cronologicamente os dados obtidos, possa sugerir, mesmo se superficialmente, os ritmos e os avatares da literatura de espiritualidade impressa nos séculos XVI e XVII.

Com vista a precisar tal objectivo, o acervo bibliográfico recolhido foi completado com uma série de índices —autores, tradutores, locais de

impressão e impressores, ordens e congregações religiosas e de matérias — que podem fornecer as primeiras sugestões de articulação das suas quase duas mil referências.

Como qualquer trabalho, este, bem o sabemos, é, apesar de tudo, incompleto:

- em alguns casos, involuntariamente incompleto: só podemos garantir os nossos esforços por ser rigorosos;
- em outros casos, voluntariamente incompleto, já que optámos por eliminar certo tipo de dados afins, estreitamente afins em alguns casos, como a poesia e o teatro religiosos..., os sermões... Pensamos, ainda hoje, deverão merecer bibliografias especiais, tal como os manuscritos.

E se os primeiros são muito importantes para completar o quadro que a *Bibliografia* agora publicada pode fornecer, os segundos, isto é, os manuscritos, poderão revelar-se, muitas vezes, fundamentais, já que poderão descobrir certas zonas menos conhecidas das correntes da história da espiritualidade... O inédito, como bem sabemos, nem sempre o quis ser, mas em muitos casos resultou de ter de o ser... por imposições de carácter vário, incluindo, obviamente, as de tipo censório.

Os estudos bibliográficos sobre a história da espiritualidade e os estudos de história da espiritualidade, dizendo, fundamentalmente, respeito a esse vasto campo da *ars orandi*, permitem, porém, observar não só o que se reza, mas também *como* e *quem*..., isto é, permitem assistir à elaboração dum discurso e dos seus modos, em privado ou em público, com singeleza ou sumptuosidade..., com simplicidade ou dramatismo..., que dadas as zonas profundas onde se tece, comove radicalmente os homens... A liturgia..., a leitura pessoal e as consequências dos progressos das suas técnicas sobre a meditação e a catequese..., o desenvolvimento de práticas sacramentais e devotas..., a romaria, o ex-voto..., a esmola..., a confraria e o sermão..., a conferência espiritual..., e os seus agentes — os leigos, o clero, as ordens religiosas —, a evangelização, etc., tudo isso tem a ver, não o negaremos certamente, com a oração..., tal como as restrições suaves ou violentas impostas a esse discurso e aos seus modos... Dum modo geral, a investigação universitária nada disto ignora, mas, de um modo geral também, ou lhe atribui esse peso etéreo das coisas dadas por sabidas — e que, quase sempre, não são sabidas — ou fixa-se apenas nos eventos quando não no evanescente dos seus significados...

Por isso a história da espiritualidade ou, se preferirmos introduzir uma explicação mais do que uma precisão, a história do sentimento religioso,

pode ser e deveria, em circunstâncias normais, ser, uma espécie de *carrefour* em que a interdisciplinaridade se verifica exemplarmente. A história das mentalidades (aceitando um conceito tão ambíguo como redutor, mas ainda de grande voga entre nós) não tem feito mais do que, do ponto de vista do colectivo em que se situa, tentar apresentar-se como a solução interdisciplinar..., sem, contudo, pela sua ambiguidade e reducionismo, o conseguir... Por isso, temos procurado trabalhar sob a égide de um conceito só aparentemente menos preciso: a *história cultural*, em que o texto literário e o documento de arquivo, em que a economia ou a arte tendem a conjugarem-se sem exclusivismo na visita ou na revisita aos «lugares da memória».

A investigação bibliográfica que tenho o imenso gosto de apresentar em nome dos seus autores é (gostaríamos bem que fosse) um passo para renovar, isto é, para recomeçar e para fazer, se necessário, de outro modo, os estudos sobre a história da espiritualidade em Portugal, tendo sempre presente que a espiritualidade diz respeito tanto a coordenadas horizontais — livros, textos, leituras, devoções... — como a coordenadas verticais, isto é, sociais — homens e mulheres, religiosos e leigos, príncipes e vassallos, pobres e ricos, etc. — e que sem a elaboração dos seus dados não é possível, permitam-me utilizar uma expressão feliz, identificar um país ou uma região..., seja ela Portugal ou o Mediterrâneo de Filipe II.